



COMERCIO, GÉNERO Y EQUIDAD EN AMÉRICA LATINA:  
GENERANDO CONOCIMIENTO PARA LA ACCIÓN POLÍTICA

**Brasil: Conteúdo de trabalho  
feminino no comércio  
exterior brasileiro**

**Marta Reis Castilho**

Red Internacional de Género y Comercio  
Capítulo Latinoamericano



## **COMERCIO, GÉNERO Y EQUIDAD EN AMÉRICA LATINA: GENERANDO CONOCIMIENTO PARA LA ACCIÓN POLÍTICA.**

### **CONTEÚDO DE TRABALHO FEMININO NO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO**

Setiembre 2007

Marta Reis Castilho

## **PRESENTACIÓN**

Los nuevos patrones de comercio internacional y las políticas comerciales ¿han contribuido a promover relaciones de género más equitativas en el ámbito público y privado? Con esta pregunta se abre el proyecto de investigación “*Comercio, género y equidad en América Latina: conocimiento para la acción política*” del Capítulo Latinoamericano de la Red Internacional de Género y Comercio. El mismo se ha venido desarrollando desde 2006, con el apoyo del Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, Canadá (IDRC).

Los informes que integran esta serie documental corresponden a la primera fase de la investigación. Sus datos plantean un abordaje de las relaciones de género en dos grandes áreas: comercio internacional y mercado de trabajo, por un lado y funcionamiento de la economía del cuidado, por otro.

Todos reúnen información, que desde diferentes perspectivas, pretende contribuir a reflexionar sobre la interconexión entre los procesos económicos relacionados con el comercio internacional, el mercado laboral y el funcionamiento de la economía del cuidado.

En su calidad de avances de investigación constituyen productos que han permitido ir nucleando las preocupaciones de los diferentes países en torno a estas temáticas, para inducir nuevas preguntas y nuevos debates. En esta parte del proyecto han participado equipos de investigación de Argentina, Brasil, Chile, Colombia, México y Uruguay.

*Capítulo Latinoamericano de la Red Internacional de Género y Comercio*

## **INDICE**

1. Evolução e estrutura do comércio exterior brasileiro.....	4
2. Conteúdo de trabalho feminino do comércio exterior brasileiro .....	7
2.1. Metodologia e descrição dos dados.....	7
2.2. Coeficientes de emprego e intensidade de trabalho .....	8
2.3. Conteúdo do comércio total e por parceiro .....	12
2.3.1. Evolução do conteúdo de trabalho feminino e total no comércio exterior brasileiro .....	12
2.3.2. Conteúdo de trabalho feminino por parceiro comercial XXX.....	15
2.4. Perspectivas dos acordos.....	16
3. Referências bibliográficas .....	20
4. Anexo .....	21

### **1. Evolução e estrutura do comércio exterior brasileiro**

A economia brasileira passou por importantes transformações desde o início dos anos 90. Uma das principais transformações foi o aumento do grau de internacionalização de sua economia, associado ao crescimento, de um lado, dos fluxos de comércio e, por outro, dos fluxos de capitais (financeiros e IDE). O crescimento dos fluxos de comércio resultou principalmente do processo de abertura comercial, conduzido a partir do início dos anos 90.<sup>1</sup>

A evolução dos fluxos de comércio a partir de então obedeceram ao processo de abertura da economia brasileira, mas também responderam às condições macroeconômicas, estas fortemente relacionadas às flutuações da economia internacional. Como pode-se ver na tabela a seguir, o crescimento do comércio nos anos 90 foi liderado pelo incremento das importações, incremento este fortemente influenciado pela sobrevalorização do câmbio e pelo aumento da demanda doméstica no início do Plano de estabilização adotado em 1994. Com a desvalorização de 1999, que constituiu uma resposta à incapacidade do sistema de câmbio fixo de fazer face às crises financeiras internacionais de 1997/1998, esta situação se alterou. A partir daí as exportações cresceram, em geral, de forma mais sustentada, resultando em uma corrente de comércio de US\$ 229 bilhões e um saldo comercial de cerca de US\$ 46 bilhões em 2006.

Por conseqüência, a economia brasileira se tornou bem mais aberta: o grau de abertura da economia atingiu 24,6% em 2006, contra uma média deste indicador nos anos 80 de 17% e nos anos 90, de 13%.

Ainda assim, o peso do comércio exterior brasileiro na economia mundial continua reduzido (em torno de 1%).

---

<sup>1</sup> Algumas medidas liberalizantes, do tipo eliminação de BNTs, já haviam sido adotadas no final dos anos 80.

**Tabela 1. Evolução do comércio exterior brasileiro, 1990-2006**

Período	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO	CORRENTE DE	GRAU DE
	(FOB)		(FOB)		COMERCIAL	COMÉRCIO	ABERTURA
	US\$ bi	Var.	US\$ bi	Var.	US\$ bi FOB	US\$ bi FOB	(A + B)/
	(A)	%	(B)	%	(A - B)	(A + B)	PIB
1990	31.4	-8.6	20.7	13.1	10.8	52.1	11.1
1991	31.6	0.7	21.0	1.8	10.6	52.7	13.0
1992	35.8	13.2	20.6	-2.3	15.2	56.3	14.5
1993	38.6	7.7	25.3	22.9	13.3	63.8	14.9
1994	43.5	12.9	33.1	31.0	10.5	76.6	14.1
1995	46.5	6.8	49.8	50.5	-3.3	96.3	13.7
1996	47.7	2.7	53.3	7.1	-5.6	101.1	13.0
1997	53.0	11.0	59.7	12.0	-6.8	112.7	14.0
1998	51.1	-3.5	57.7	-3.4	-6.6	108.9	13.8
1999	48.0	-6.1	49.3	-14.7	-1.3	97.3	18.1
2000	55.1	14.7	55.8	13.3	-0.7	110.9	18.4
2001	58.2	5.7	55.6	-0.4	2.6	113.8	22.3
2002	60.4	3.7	47.2	-15.0	13.1	107.6	23.4
2003	73.1	21.1	48.3	2.2	24.8	121.4	24.0
2004	96.5	32.0	62.8	30.0	33.7	159.3	26.4
2005	118.3	22.6	73.6	17.2	44.7	191.9	24.1
2006	137.5	16.2	91.4	24.2	46.1	228.9	24.6

Fonte: SECEX

A maior exposição da economia brasileira à concorrência externa não alterou significativamente a estrutura de comércio do país relativamente ao início dos anos 90. Certamente, ela contribuiu para aprofundar a especialização da economia brasileira, mas não houve nenhuma alteração radical. O Brasil hoje exporta sobretudo manufaturas com grau baixo ou médio de elaboração. Destacam-se, na classificação em que se encontra a tabela abaixo, os seguintes grupos de produtos: alimentos, material de transporte e siderurgia e metalurgia. As importações, ao contrário, se concentram em setores de maior elaboração –são eles material elétrico e eletrônico, material de transporte, refino de petróleo e indústria química.

Esta composição das pautas de exportações e importações não é homogênea segundo os parceiros comerciais do Brasil. Para os países mais desenvolvidos, o comércio do Brasil é tipicamente “Norte-Sul”, o grau de elaboração das exportações sendo bem inferior ao de suas importações. Este é o caso, notadamente, do comércio com a UE e o Japão. Com os países em desenvolvimento, o perfil do comércio é diferente e o Brasil exporta produtos relativamente mais elaborados. Já com os EUA, o perfil do comércio difere bastante do perfil do comércio com os demais países desenvolvidos, sendo o peso dos produtos manufaturados relativamente importante. Este aspecto, embora não exploremos muito aqui, será importante na análise do conteúdo de trabalho segundo os parceiros.

**Tabela 2. Composição do comércio exterior brasileiro total, 2005 (em %)**

Descrição	Exportações	Importações
Agropecuária	6.9	1.9
Extrativa Mineral	7.4	1.3
Extração de Petróleo e Gás	3.6	12.2
Minerais Não-Metálicos	1.4	0.7
Siderurgia e Metalurgia	11.8	6.3
Máquinas e Tratores	6.0	9.2
Material Elétrico e Eletrônico	5.2	16.9
Material de transporte	15.3	11.8
Madeira e Mobiliário	3.5	0.3
Papel e Gráfica	3.0	1.3
Indústria da Borracha	1.0	1.7
Indústria Química	3.4	9.9
Refino do Petróleo	5.0	11.4
Farmacêutica e Perfumaria	0.8	4.2
Artigos de Plástico	0.5	1.2
Indústria Têxtil	1.7	1.7
Artigos do Vestuário	0.1	0.4
Fabricação de Calçados	3.0	0.4
Produtos Alimentares	19.5	2.6
Indústrias Diversas	1.1	4.5
<b>TOTAL</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>

Fonte: SECEX

O Brasil se destaca por comercializar com um amplo leque de países. A tabela a seguir mostra que tanto o destino das exportações quanto a origem das importações brasileiras são bastante diversificados.<sup>2</sup> Este fato sugere, juntamente com as diferenças de especialização do Brasil frente aos diferentes parceiros, que arranjos comerciais favorecendo as relações com diferentes parceiros terão impactos também diferenciados no comércio.

**Tabela 3. Composição geográfica do comércio exterior brasileiro, 2005 (em %)**

Parceiro comercial	Exportações	Importações
Mercosul	10.1	9.7
CAN	5.0	2.6
Chile	3.1	2.4
México	3.5	1.1
EUA	19.3	17.2
UE	22.8	24.7
China	5.9	7.3
<i>outros</i>	30.4	35.0
	100.0	100.0

Fonte: SECEX

<sup>2</sup> Esta tendência tem se acentuado no período recente.

## **2. Conteúdo de trabalho feminino do comércio exterior brasileiro**

### **2.1. Metodologia e descrição dos dados**

O objetivo deste trabalho é analisar os efeitos para os empregos femininos da evolução das exportações e importações. A metodologia utilizada aqui, reconhecidamente simples mas elucidativa<sup>3</sup>, consiste calcular o conteúdo de trabalho contido nos fluxos de comércio exterior brasileiro total e por parceiro comercial. Leva-se em consideração o grau de qualificação da mão-de-obra, visto que o tipo de emprego criado e ameaçado por exportações e importações pode gerar impactos distributivos diferenciados. A *proxy* para qualificação da mão-de-obra consiste no nível de escolaridade dos trabalhadores.

O presente cálculo do conteúdo de trabalho leva em conta não somente as vendas e compras de bens finais, mas também o consumo intermediário. Porém, o conteúdo de trabalho do comércio que considera o consumo intermediário pode ser calculado de duas maneiras, que produzem resultados agregados semelhantes mas resultados setoriais com significados diferentes. A primeira maneira consiste em calcular o “coeficiente indireto” de trabalho e, então, aplicá-lo aos fluxos de comércio de bens finais. Os resultados obtidos desta forma nos informam qual o emprego gerado por cada setor exportador (ou seja, a dimensão setorial está associada ao comércio e não, ao emprego). A segunda forma de cálculo consiste em calcular primeiramente o total exportado (importado) “efetivamente” por cada setor, levando-se em conta os insumos utilizados e, em seguida, aplicar o coeficiente direto de emprego. O cálculo é feito da seguinte maneira:

$$E_j = N_{jxj} [A_{jxj} \cdot X_{jx1}]$$

onde:  $E$  é quantidade de trabalho contida no fluxo de comércio;  $A$  corresponde à matriz Leontief de coeficientes técnicos para  $j$  setores;  $N$  é uma matriz cuja diagonal principal corresponde ao coeficiente direto de emprego calculado a partir de da produção e do emprego setoriais (quantidade de trabalho por unidade produzida,  $N/Q$ );  $X$  é o vetor de exportações (o mesmo cálculo pode ser feito para os fluxos de importações e/ou importações líquidas).

Assim, obtém-se o emprego de cada setor, gerado pelas exportações em geral (dos diversos setores). Ou seja, cada linha do vetor final representa os empregos gerados em cada setor pelas exportações dos diversos setores.<sup>4</sup> O setor desta vez corresponde ao emprego e não às exportações. É este cálculo que fizemos aqui, por duas razões: para se enfatizar o setor em que está havendo variação do número de empregados e pela incompatibilidade de classificações entre as estatísticas de mercado de trabalho e da matriz de insumo-produto.<sup>5</sup>

O *total* de empregos gerados na economia é evidentemente o mesmo para as duas formas de cálculo, sendo diferentes apenas os resultados *setoriais*.

Os dados utilizados foram os seguintes:

- i) a matriz de impacto intersetorial – ou matriz de Leontief – é de 1996, último dado

---

<sup>3</sup> Como bem dizem Cortes, Jean e Pisani-Ferry (1996, p. 21) “*nevertheless, we consider it a useful benchmark*”.

<sup>4</sup> A primeira linha do vetor final representa os empregos gerados na agricultura resultante das exportações dos 32 setores, que usam indiretamente produtos agrícolas.

<sup>5</sup> Vale assinalar que a classificação da PNAD é diferente daquela da matriz de insumo-produto, porém, usando-se esta segunda forma de cálculo é possível se multiplicar os coeficientes diretos de trabalho (32 setores) pelas exportações “efetivas” (originalmente, com 43 setores).

disponibilizado pelo IBGE<sup>6</sup>;

- ii) o comércio exterior por parceiro foi calculado da seguinte forma: aplicou-se o peso dos principais parceiros no comércio exterior brasileiro - obtido a partir dos dados da SECEX para 2005 - sobre os dados das exportações e importações provenientes das Contas Nacionais do IBGE para o mesmo ano, em R\$ 1.000. Como para 2005, os fluxos de comércio em R\$ divulgados pelo IBGE ainda não se encontram disponíveis, utilizamos a mesma metodologia usada nas Contas Nacionais para conversão dos dados da SECEX, qual seja: conversão pela taxa de câmbio média (venda) trimestral (Banco Central);
- iii) o coeficiente  $n$  corresponde à quantidade de trabalho por unidade produzida ( $N/Q$ ), onde  $N$  é o emprego por faixa de qualificação dos trabalhadores. Ele foi obtido aplicando-se o peso (participação no emprego total) de cada faixa de qualificação dos trabalhadores (PNAD) ao emprego total fornecido pelas Contas Nacionais do IBGE.  $Q$  corresponde à produção total em valores de 2003, em R\$ 1.000.000. Para 2005, em virtude da indisponibilidade dos dados de produção, aplicamos o coeficiente  $n$  de 2003, supondo assim que não houve mudança técnica entre os dois anos. As classificações setoriais das duas diferentes fontes de informação (Contas Nacionais e PNAD) foram harmonizadas em 31.<sup>7</sup>
- iv) a fim de calcular o número de postos ocupados por mulheres e por homens, foi aplicado o peso de cada sexo por setor e por nível de qualificação para a população ocupada com mais de 10 anos em 1995 e 2005, segundo as informações da PNAD.
- v) enfim, para o cálculo dos possíveis impactos de acordos comerciais com a UE e os EUA, aplicamos as taxas de crescimento das exportações e importações brasileiras previstas por Tourinho e Kume (2002) sobre o valor comercializado em 2005 e aplicamos em seguida os mesmos passos detalhados acima.

Vale assinalar que todos os valores em reais foram atualizados para preços de 2003 usando-se o deflator implícito do PIB (Contas Nacionais, IBGE).

## ***2.2. Coeficientes de emprego e intensidade de trabalho<sup>8</sup>***

As tabelas a seguir mostram a intensidade de trabalho dos diversos setores da economia no último ano disponível — ou seja, a quantidade de trabalhadores por R\$ produzido, total e por grau de qualificação (anos de estudo) para 2003. Aqui é apresentado o coeficiente direto – ou seja, não se leva em conta o emprego dos setores dos quais o setor exportador compra seus insumos – devido à impossibilidade de compatibilização dos dados da matriz de Leontief e dos dados de emprego da PNAD, o que nos levou a calcular o conteúdo de emprego conforme comentado acima. Este é um indicador da intensidade de trabalho, ainda que insuficiente por não considerar as relações de encadeamento entre os setores, como faremos adiante no cálculo

---

<sup>6</sup> Esta matriz fornece os coeficientes de impacto intersetorial que nos permitem calcular os encadeamentos produtivos e, assim, considerar o “consumo intermediário de trabalho” de cada unidade monetária de comércio exterior. A desatualização desta matriz não representa limitação importante pois as mudanças tecnológicas são de longo prazo.

<sup>7</sup> Destes, 3 setores são primários, 17 são secundários e o restante, terciário. Ver anexo para a nomenclatura setorial.

<sup>8</sup> Esta seção foi retirada de Castilho (2006).

do conteúdo de trabalho total.

O coeficiente (ou multiplicador) de trabalho para a economia como um todo — incluído o setor de serviços — é de 20,8 trabalhadores por R\$ 1 milhão produzido. Este valor — médio para a economia como um todo — reflete características bastante díspares entre os setores. Como se pode ver a partir da **Tabela 4**, as disparidades entre os setores agrícola, industrial e de serviços são importantes. O setor agrícola é o setor mais intensivo em mão-de-obra (coeficiente de 49,8), sendo a mão-de-obra predominantemente de baixa qualificação. O setor industrial é aquele com menor intensidade em trabalho — o multiplicador de emprego é de 6,1 trabalhadores para cada R\$ 1 milhão produzido. Os coeficientes referentes à mão-de-obra de baixa e média qualificação são idênticos, sendo o de alta qualificação bem inferior. Enfim, o setor serviços apresenta um coeficiente intermediário entre os dois precedentes — de 29,8 — com um perfil em termos de qualificação diferente, onde a categoria mais importante é a de qualificação intermediária, porém com um peso maior para a categoria de maior qualificação relativamente à agricultura e à indústria. Dos três setores, a indústria é o setor que gera relativamente menos emprego, este fato sendo válido para todos os níveis de qualificação.

Dentre os setores produtores de bens<sup>9</sup>, quatro se destacam por apresentarem coeficientes de emprego bem superiores aos demais. São eles: vestuário, agropecuária, madeira e mobiliário e fabricação de calçados. O setor de vestuário é aquele que apresenta o maior requerimento de trabalho direto, bastante superior ao da agricultura. Este, no entanto — e como veremos adiante — vem sofrendo importantes alterações que levaram à uma forte redução do uso da mão-de-obra. O setor de vestuário é intensivo em mão-de-obra no caso das três categorias, conforme evidenciado pela sua posição no ranking dos setores.

Do total de 31 setores aqui analisados, apenas estes quatro superam a média da economia. No outro extremo, com os menores requerimentos de trabalho, encontram-se os setores intensivos em capital, como as indústrias de extração e refino de petróleo, além da indústria química e de borracha. Vale ressaltar que as indústrias alimentares, ao contrário da agricultura, apresentam um coeficiente de emprego bastante reduzido.

Outra característica marcante é que o coeficiente de emprego da economia brasileira decresce significativamente com o aumento da qualificação. Os produtos com maior intensidade de trabalho são aqueles que utilizam relativamente mais mão-de-obra de baixa qualificação, enquanto que a mão-de-obra de maior qualificação é utilizada de forma mais intensiva nos setores com menores coeficientes de emprego total. Para uma grande parte dos setores, a mão-de-obra de qualificação intermediária representa uma parcela importante da mão-de-obra empregada, a única exceção sendo a agricultura.

Estas informações, juntamente com o perfil da pauta do comércio brasileiro, sugerem que o Brasil não se encaixa no grupo de países cujas vantagens comparativas se baseiam no fator trabalho: juntos, os quatro setores mais intensivos em trabalho citados acima somaram em 2003, 15% das exportações totais — ou seja, não têm peso importante na pauta exportadora brasileira. Por outro lado, dos três setores de maior peso na pauta de exportações, dois deles — produtos alimentares e siderurgia/metalurgia (33% das exportações em 2003) — apresentam coeficientes de valor intermediário. O terceiro setor, material de transporte

---

<sup>9</sup> Nos detemos aqui sobre as características dos setores agrícola e industrial em virtude de analisarmos o comércio internacional de bens, ainda que adiante calculemos também os empregos gerados pelo comércio no setor de serviços.

(13,6% do total exportado em 2003), apresenta um coeficiente muito baixo. Do lado das importações, há uma forte concentração nos produtos com baixo conteúdo de trabalho: 60% das importações estão em setores cujo coeficiente de emprego é inferior a 10.

**Tabela 4. Coeficiente direto de emprego: trabalhadores/produção em R\$ milhão (2003)**

Setores	descrição	Grau de qualificação da mão-de-obra: anos de estudo					Total	
		0 a 7	8 a 11	12 ou +				
23	Artigos do Vestuário	37.6	2	39.3	1	1.7	3	78.7
1	Agropecuária	45.9	1	3.6	10	0.3	14	49.8
14	Madeira e Mobiliário	23.3	3	12.2	3	1.0	5	36.5
24	Fabricação de Calçados	19.7	4	13.4	2	1.8	2	34.9
4	Minerais Não-Metálicos	7.5	5	3.9	8	0.3	13	11.7
21	Artigos de Plástico	6.5	7	4.5	4	0.5	10	11.5
2	Extrativa Mineral	6.7	6	3.9	7	0.7	8	11.3
32	Indústrias Diversas	4.3	8	4.4	5	1.9	1	10.6
8	Máquinas e Tratores	2.5	10	4.0	6	0.7	9	7.2
22	Indústria Têxtil	3.6	9	3.1	11	0.3	19	6.9
15	Papel e Gráfica	1.3	13	3.8	9	1.4	4	6.5
25	Produtos Alimentares	2.5	11	2.5	12	0.3	16	5.3
5	Siderurgia e Metalurgia	2.3	12	2.5	13	0.4	12	5.2
20	Farmacêutica e Perfumaria	0.8	16	1.7	15	0.9	6	3.4
10	Material Elétrico e Eletrônico	0.6	18	2.0	14	0.4	11	3.1
12	Material de transporte	0.8	17	1.6	16	0.8	7	3.1
16	Indústria da Borracha	0.9	15	1.4	17	0.3	18	2.5
17	Indústria Química	0.9	14	0.9	18	0.3	17	2.2
3	Extração de Petróleo e Gás	0.1	19	0.5	19	0.3	15	0.9
18	Refino do Petróleo	0.1	20	0.1	20	0.1	20	0.2
<b>AGRICULTURA (setor 1)</b>		<b>45.9</b>	<b>3.6</b>	<b>0.3</b>	<b>49.8</b>			
<b>INDÚSTRIA (setores 2-32)</b>		<b>2.8</b>	<b>2.8</b>	<b>0.5</b>	<b>6.1</b>			
<b>SERVIÇOS (setores 33-43)</b>		<b>12.7</b>	<b>12.6</b>	<b>4.5</b>	<b>29.8</b>			
<b>TOTAL (setores 1-43)</b>		<b>10.9</b>	<b>7.5</b>	<b>2.4</b>	<b>20.8</b>			

Obs.: os números em itálico correspondem à colocação do setor no ranking dos mais intensivos naquela categoria de trabalho

Fonte: PNAD e Contas Nacionais/IBGE (diversos anos). Elaboração própria.

Vale, no entanto, observar que algumas destas características vêm se alterando ao longo do tempo. A Tabela 5 mostra a evolução dos coeficientes totais entre 1995/1996 e 2003.<sup>10</sup>

A evolução do coeficiente de trabalho reflete a evolução da produtividade da economia brasileira. Como diversos autores enfatizam<sup>11</sup>, as empresas brasileiras passaram por fortes ajustes ao longo da década de 90, em virtude da abertura comercial e da maior exposição à concorrência internacional, que as levaram a incorporar tecnologias mais econômicas em mão-de-obra. Os efeitos desse movimento se fizeram sentir na produtividade das empresas e

<sup>10</sup> Por questões de espaço, não mostraremos a evolução por nível de qualificação, porém, os dados se encontram disponíveis. Vale ressaltar também que dada a indisponibilidade dos dados de produção para 2005, não foi possível se calcular o coeficiente direto para este ano.

<sup>11</sup> Ver, por exemplo, Carvalho e Feijó (2003), Bonelli e Fonseca (1998) e Carvalheiro (2003).

no volume de emprego. Dados recentes apontam para a continuidade da expansão da produtividade até o período recente.<sup>12</sup>

Neste sentido, os setores cuja redução dos coeficientes de trabalho foram mais notáveis são refino e extração de petróleo, agropecuária, indústria química, farmacêutica e perfumaria e borracha. Todos estes setores reduziram o coeficiente de emprego em pelo menos 40%. Para a economia com um todo, esta redução foi de 15% e para a indústria, de 27%. Estes dados são compatíveis com os cálculos de produtividade do trabalho realizados por Carvalheiro (2003), que apontam diversos dos setores mencionados acima, como a agropecuária e os setores de extração e refino de petróleo, dentre os campeões de crescimento de produtividade entre 1990 e 2000.

No outro extremo, tem-se alguns setores que não reduziram – ao contrário, até mesmo aumentaram - o coeficiente de emprego. São eles: madeira e mobiliário, artigos de plástico e fabricação de calçados.

Vale assinalar que no caso dos serviços a tendência foi de aumento do coeficiente de trabalho. O crescimento foi observado na maioria dos setores e de forma sustentada ao longo do período, favorecendo em diversos casos – como no comércio, nos transportes e nos serviços não-mercantis – os empregos de maior qualificação.

---

<sup>12</sup> Segundo Feijó e Carvalho (2006), a produtividade do trabalho da indústria de transformação brasileira apresentou as seguintes taxas de crescimento entre 2002 e 2004: 4,1%, 1% e 6%, respectivamente.

**Tabela 5. Evolução do multiplicador direto de emprego entre 1995 e 2003, por setor**

Setores	Descrição	Total da força de trabalho		
		1995/96	2000/01	2003
1	Agropecuária	85.4	67.1	49.8
2	Extrativa Mineral	14.5	12.8	11.3
3	Extração de Petróleo e Gás	1.8	1.1	0.9
4	Minerais Não-Metálicos	14.4	14.6	11.7
5	Siderurgia e Metalurgia	6.9	6.6	5.2
8	Máquinas e Tratores	7.5	6.9	7.2
10	Material Elétrico e Eletrônico	3.4	3.0	3.1
12	Material de transporte	3.4	3.1	3.1
14	Madeira e Mobiliário	34.2	39.3	36.5
15	Papel e Gráfica	8.5	6.6	6.5
16	Indústria da Borracha	4.1	3.2	2.5
17	Indústria Química	3.6	2.6	2.2
18	Refino do Petróleo	0.6	0.2	0.2
20	Farmacêutica e Perfumaria	5.1	3.7	3.4
21	Artigos de Plástico	9.3	11.2	11.5
22	Indústria Têxtil	7.2	6.9	6.9
23	Artigos do Vestuário	85.8	59.9	78.7
24	Fabricação de Calçados	30.1	36.1	34.9
25	Produtos Alimentares	7.5	6.7	5.3
32	Indústrias Diversas	10.4	10.6	10.6
<b>AGRICULTURA (setor 1)</b>		<b>85.4</b>	<b>67.1</b>	<b>49.8</b>
<b>INDÚSTRIA (setores 2-32)</b>		<b>8.4</b>	<b>7.0</b>	<b>6.1</b>
<b>SERVIÇOS (setores 33-43)</b>		<b>28.8</b>	<b>28.9</b>	<b>29.8</b>
<b>TOTAL (setores 1-43)</b>		<b>24.4</b>	<b>22.1</b>	<b>20.8</b>

Fonte: PNAD e Contas Nacionais/IBGE (diversos anos). Elaboração própria.

### 2.3. Conteúdo do comércio total e por parceiro

A análise do conteúdo de trabalho aqui é realizada, primeiramente, em uma perspectiva temporal – evolução do conteúdo de trabalho do comércio total entre 1995 e 2005 – e, em seguida, em uma perspectiva geográfica – examina-se então as diferenças de conteúdo de trabalho segundo os parceiros comerciais.

#### 2.3.1. Evolução do conteúdo de trabalho feminino e total no comércio exterior brasileiro

O Brasil é um exportador líquido de trabalho, predominantemente de baixa qualificação. A quantidade de trabalho contida nas exportações totais supera largamente a quantidade contida nas importações, gerando um saldo líquido de mais de 4,8 milhões de empregos em 2005. Este volume equivale, em 2005, a cerca de 6% do total de empregos contabilizado pelo IBGE, segundo a PNAD. Este saldo resulta evidentemente de um volume de empregos gerado nas exportações superior àquele correspondente às importações. Os empregos gerados pelas exportações atingiram, em 2005, 7,6 milhões, o que representa quase o dobro do gerado há uma década atrás. Vale assinalar que este crescimento é inferior ao crescimento do valor das

exportações que, no mesmo período, cresceram 154%. O conteúdo de trabalho referente às importações, que apresentaram um crescimento bem inferior ao das exportações (47% entre 1995 e 2005), diminuiu, atingindo 2,8 milhões em 2005. Esta redução se deve tanto a mudanças na composição da pauta, quanto a mudanças apontadas nos coeficientes de emprego, que refletem, em última instância, mudanças tecnológicas ou organizacionais.

Os empregos gerados pelo comércio exterior são, em sua grande maioria, de baixa qualificação: o conteúdo de emprego do saldo comercial é de 3,4 milhões de trabalhadores com baixa qualificação, 1,2 milhão de empregos de média e 215 mil de alta qualificação (215 mil). Isto se deve ao fato de que as exportações brasileiras não são somente mais intensivas em trabalho do que as importações, como também o trabalho contido nas importações é relativamente mais qualificado. Porém, a tendência ao longo da década analisada é de aumento da qualificação dos trabalhadores, sobretudo para aqueles associados às exportações.

**Tabela 6. Conteúdo de trabalho total do comércio total brasileiro, 1995-2005**

	no. empregos			% do total pessoal ocupado(1)		composição do emprego	
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Exportação	Importação
média 1995/96							
0 a 7	2,865,626	1,963,665	901,962	8.5	5.8	74.7	67.4
8 a 11	794,717	758,643	36,074	4.8	4.6	20.7	26.0
12 ou +	177,899	190,231	-12,332	3.6	3.8	4.6	6.5
TOTAL	3,838,242	2,912,538	925,704	7.0	5.3	100.0	100.0
média 2000/01							
0 a 7	3,610,275	1,786,970	1,823,305	11.7	5.8	67.6	56.8
8 a 11	1,450,618	1,104,372	346,247	6.8	5.1	27.2	35.1
12 ou +	276,769	253,102	23,667	4.4	4.0	5.2	8.0
TOTAL	5,337,662	3,144,444	2,193,219	9.1	5.4	100.0	100.0
2003							
0 a 7	4,691,096	1,719,576	2,971,520	16.1	5.9	64.7	54.8
8 a 11	2,115,160	1,140,137	975,023	9.3	5.0	29.2	36.3
12 ou +	446,393	279,728	166,665	4.9	3.1	6.2	8.9
TOTAL	7,252,650	3,139,441	4,113,208	11.9	5.1	100.0	100.0
2005							
0 a 7	4,869,135	1,464,602	3,404,533	13.0	3.9	63.8	51.7
8 a 11	2,271,923	1,097,805	1,174,119	6.9	3.3	29.8	38.7
12 ou +	488,512	272,730	215,782	4.5	2.5	6.4	9.6
TOTAL	7,629,570	2,835,137	4,794,433	9.4	3.5	100.0	100.0

Obs.: (1) Total pessoal ocupado em todos os setores da economia (Contas Nacionais e PNAD, IBGE).

Fonte: IBGE, SECEX (para maiores detalhes, ver metodologia). Elaboração própria.

No que se refere ao emprego feminino, o Brasil também é um exportador líquido de trabalho feminino, porém, em menor intensidade do que o trabalho masculino. Ou seja, o conteúdo de trabalho feminino dos fluxos de comércio é inferior ao conteúdo de trabalho masculino.

Enquanto para a população total as exportações e importações representam em 2005 respectivamente mais de 9,4% e 3,5% do pessoal total ocupado, para as mulheres, o emprego associado às exportações e importações correspondiam a apenas 6,1% e 2,6%

(respectivamente) do número total de mulheres ocupadas. Outra informação que demonstra o baixo conteúdo de trabalho feminino é o fato dos empregos femininos gerados pelas exportações corresponderem a 26,6% dos empregos totais associados às exportações. Do lado das importações, este percentual é um pouco maior – 30%. Vale assinalar que estes percentuais são *bem inferiores* à participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro como um todo, que em 2005 atingiu 40,7% do pessoal total ocupado.<sup>13</sup>

Estes dados sugerem que, por um lado, o comércio exterior tem importância reduzida para o emprego feminino (relativamente ao emprego masculino), mas, que, por outro, o impacto que ele tem é relativamente maior na geração de empregos do que na ameaça de empregos através das importações.

Esta pequena participação da mulher no emprego gerado e ameaçado pelos fluxos de comércio se deve basicamente ao fato da pauta de comércio brasileira se concentrar em setores que utilizam (ao menos de forma direta) majoritariamente trabalho masculino. É o caso de da indústria extrativa mineral, da siderurgia e de material de transporte, cuja participação feminina no emprego total variaram de 7,2% a 14,3% em 2005. Este aspecto é válido tanto para as exportações quanto para as importações, sendo que para estas últimas, o percentual de mulheres é relativamente superior devido à importância do material elétrico e eletrônico, que apresenta uma participação feminina superior aos demais citados, ainda que relativamente baixa (31%).<sup>14</sup>

Quanto à qualificação, o emprego feminino no mercado de trabalho em geral é mais qualificado que o masculino: ou seja, a presença feminina é tão maior quanto maior for o número de anos de estudos.<sup>15</sup> Este fato se reflete no perfil do emprego associado ao comércio. Do lado das exportações, o percentual de empregos gerados ocupados por mulheres são de 25,2%, 28,8% e 30,6% respectivamente para as faixas de qualificação de 0 a 7, 8 a 11 e 12 ou mais anos de estudo. O mesmo se observa para as importações: as mulheres ocupam uma parcela maior dos empregos de qualificação mais elevada (32,4%) e um percentual menor para os de menor qualificação (28,9%).

Vale assinalar que não houve mudanças significativas entre 1995 e 2005, conforme vê-se na tabela a seguir. A tendência a uma maior participação da mulher no mercado de trabalho geral, assim como uma maior participação nas categorias mais qualificadas, também é observada para o emprego feminino associado aos fluxos de comércio. Uma mudança que vale ser assinalada é que o saldo entre empregos gerados pelas exportações e empregos ameaçados pelas importações se ampliou entre 1995 e 2005. Esta mudança foi ainda mais acentuada para as mulheres do que para os homens, refletindo o fato que as mulheres aumentaram sua participação no mercado de trabalho e, isso, em um momento de crescimento acentuado das exportações.

---

<sup>13</sup> Dados da PNAD de 2005, referentes à população ocupada com mais de 10 anos de idade.

<sup>14</sup> Para uma análise da composição setorial do emprego, ver Informe 1.2.

<sup>15</sup> Para 2005, a presença feminina no mercado de trabalho corresponde às seguintes participações: 34%, 44% e 53%, respectivamente nas categorias de baixa, média e alta qualificação.

**Tabela 7. Conteúdo de trabalho feminino do comércio no Brasil, 1995 e 2005**

	no. empregos ocupados por mulheres			% de empregos femininos nos empregos totais associados à/ao:			% do total mulheres ocupadas (1)		composição do emprego	
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Exportação	Importação
média 1995/96										
0 a 7	713,423	515,607	197,816	24.9	26.3	21.9	6.2	4.5	72.7	65.8
8 a 11	218,058	214,885	3,174	27.4	28.3	8.8	3.1	3.0	22.2	27.4
12 ou +	49,746	53,265	-3,519	28.0	28.0	28.5	2.1	2.2	5.1	6.8
TOTAL	981,227	783,757	197,470	25.6	26.9	21.3	4.7	3.8	100.0	100.0
2005										
0 a 7	1,227,507	423,356	804,151	25.2	28.9	23.6	9.6	3.3	60.4	49.7
8 a 11	654,326	339,796	314,531	28.8	31.0	26.8	4.5	2.4	32.2	39.9
12 ou +	149,292	88,320	60,971	30.6	32.4	28.3	2.6	1.5	7.4	10.4
TOTAL	2,031,125	851,472	1,179,653	26.6	30.0	24.6	6.1	2.6	100.0	100.0

Obs.: (1) Tem todos os setores da economia (Contas Nacionais e PNAD, IBGE).

Fonte: IBGE, SECEX (para maiores detalhes, ver metodologia). Elaboração própria.

### 2.3.2. Conteúdo de trabalho feminino por parceiro comercial XXX

O comércio exterior brasileiro se caracteriza por uma variada distribuição geográfica, como visto na Tabela 3. Esta diversificação geográfica encerra também uma diversificação de composição da pauta por parceiro comercial, como comentado anteriormente, o que traz implicações para o conteúdo de trabalho contido nos fluxos comerciais por região/país. A tabela a seguir apresenta o conteúdo de trabalho feminino do comércio brasileiro para os seus principais parceiros.

Em primeiro lugar, do conteúdo de trabalho feminino contido nas exportações, são a UE e os EUA os responsáveis pela maior parte dos empregos (27,4% e 17,5% do total, respectivamente).<sup>16</sup> Porém, para estes parceiros individualmente, o trabalho feminino não representa porcentagens importantes do total da mão-de-obra associada às exportações (26% e 27% do total, respectivamente). Na realidade, na maior parte dos países ou regiões, em torno de ¼ da mão-de-obra associada às exportações é feminina, sendo os grupos de países com peso do emprego feminino mais elevado os países da América do Sul – Mercosul, o Chile e a CAN, para quem 29%, 28,6% e 28,5% do total de empregos associados às exportações é ocupado por mulheres.

Em termos de qualificação do emprego feminino gerado pelas exportações, a UE e a China apresentam padrões bem parecidos, com forte participação do trabalho de baixa qualificação - mais de 65% do emprego feminino total. Isto se explica basicamente pela especialização da economia brasileira frente a estas economias, caracterizada por uma parcela importante de exportação de bens agrícolas e minerais. No outro extremo, encontram-se os países da América Latina: para Mercosul, CAN, Chile e México, o peso das trabalhadoras altamente e mediamente qualificadas é relativamente maior do que nos dois casos precedentes. Para estes países, a mão-de-obra feminina menos qualificada representa até 50% do total e a categoria de maior qualificação têm percentuais mais elevados do que no caso da UE, da China e dos

<sup>16</sup> O Resto do Mundo, por reunir países muito diversos, não receberão atenção especial nesta análise.

EUA. Estes últimos, no entanto, apresentam um padrão mais próximo dos países latino-americanos do que da UE e da China. A explicação para tal fato é o maior peso das exportações de produtos manufaturados.

Pelo lado das importações, quatro países são responsáveis por mais de 63% dos empregos femininos “ameaçados”. São eles (com os respectivos percentuais entre parênteses): UE (24,5%), EUA (15,9%), Mercosul (12,6%) e China (10,3%). Porém, existem diferenças em termos de qualificação. Dado que o Brasil é um país de nível de desenvolvimento intermediário, seu padrão de comércio difere de acordo com o parceiro, como já comentamos anteriormente. Com a UE, por exemplo, o comércio é tipicamente Norte-Sul e, neste sentido, as importações contêm relativamente mais trabalho de maior qualificação do que as exportações brasileiras para o bloco. Porém, vale ressaltar que os setores que empregam relativamente mais trabalho qualificado são também aqueles menos intensivos neste fator. Já com o Mercosul e o Chile, como as importações são de bens menos elaborados, as categorias mais ameaçadas pelas importações sendo aquelas com baixa qualificação.

**Tabela 8. Conteúdo de trabalho feminino do comércio brasileiro por parceiro comercial, 2005**

	UE	Mercosur	CAN	Chile	China	México	EUA	Resto do Mundo	TOTAL
<b>Exportações</b>									
0 a 7	363,416	73,508	38,869	22,221	92,771	23,483	193,433	419,805	1,227,507
8 a 11	159,194	59,524	30,073	17,571	36,477	19,370	131,928	200,189	654,326
12 ou +	34,595	14,921	7,534	4,501	8,588	5,122	29,453	44,578	149,292
<b>TOTAL</b>	<b>557,205</b>	<b>147,953</b>	<b>76,477</b>	<b>44,293</b>	<b>137,836</b>	<b>47,976</b>	<b>354,814</b>	<b>664,573</b>	<b>2,031,125</b>
% total (1)	26.0	29.0	28.5	28.6	24.7	26.9	27.0	26.6	26.6
% cada país	27.4	7.3	3.8	2.2	6.8	2.4	17.5	32.7	100.0
<b>Importações</b>									
0 a 7	101,504	67,804	7,485	11,168	41,881	3,916	64,249	125,349	423,356
8 a 11	84,175	31,722	6,125	7,831	37,755	3,651	55,586	112,950	339,796
12 ou +	22,710	7,531	1,759	2,155	7,812	999	15,731	29,623	88,320
<b>TOTAL</b>	<b>208,389</b>	<b>107,057</b>	<b>15,370</b>	<b>21,153</b>	<b>87,448</b>	<b>8,566</b>	<b>135,567</b>	<b>267,923</b>	<b>851,472</b>
% total (1)	28.4	26.9	28.0	23.9	36.8	29.8	29.6	32.1	30.0
% cada país	24.5	12.6	1.8	2.5	10.3	1.0	15.9	31.5	100.0

*Nota: (1) emprego feminino associado ao comércio / emprego total associado ao comércio por país. Fonte: elaboração própria*

#### **2.4. Perspectivas dos acordos**

As diferenças de conteúdo de trabalho entre os parceiros fornecem uma idéia das diferentes implicações que acordos comerciais podem ter para o emprego feminino. Por exemplo, um acordo comercial que leve a um crescimento equivalente das exportações para a China ou para o México deverão impactar de forma diferenciada os setores da economia e, assim, o volume de emprego feminino gerado pelas exportações. O crescimento das exportações para a China provavelmente gerará um número maior de empregos para as mulheres do que no caso do aumento das exportações para o México, dada a especialização diferente das exportações brasileiras frente aos dois parceiros.

No caso de acordos comerciais, as diferenças podem ser ainda acentuadas pelo fato que os acordos são diferentes entre si, podendo beneficiar mais alguns setores em alguns casos, outros em outros casos.

A tabela a seguir ilustra o peso dos países no comércio exterior brasileiro e no conteúdo de trabalho feminino. Uma grosseira comparação entre os dois montantes sugeriria que as exportações para a UE e para a China gerariam mais empregos para mulheres do que no caso dos demais. Do lado das importações, seria um aumento daquelas provenientes do Mercosul e da própria China que poderiam ameaçar de forma mais intensiva o emprego no Brasil.

**Tabela 9. Distribuição geográfica do comércio exterior brasileiro e do trabalho feminino nele contido. 2005**

Parceiro comercial	Peso no total Brasil		Emprego feminino associado às	
	Exportações	Importações	Exportações	Importações
Mercosur	10.1	9.7	7.3	12.6
CAN	5.0	2.6	3.8	1.8
Chili	3.1	2.4	2.2	2.5
México	3.5	1.1	2.4	1.0
EUA	19.3	17.2	17.5	15.9
UE	22.8	24.7	27.4	24.5
China	5.9	7.3	6.8	10.3
Resto do Mundo	30.4	35.0	32.7	31.5
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0

*Fonte: SECEX*

Enfim, fizemos uma simulação para a realização de um acordo comercial com os EUA e com a UE a fim de simular qual o impacto sobre o emprego feminino (ver Tabela 10; para maiores detalhes, ver quadro a seguir e metodologia). A simulação dos dois acordos leva a um aumento do saldo de empregos femininos, acompanhando, aliás, a tendência do saldo de emprego total (ver . O acordo com a UE geraria um saldo de empregos femininos 7,1% superior ao de 2005, apesar do maior crescimento dos empregos ameaçados (8%) do que dos gerados (7,4%). No entanto, a intensificação do comércio com a UE geraria um aumento do número *total* de empregos superior (7,9%) e um crescimento inferior do número total de empregos ameaçados (7,7%). Em outras palavras, o aumento do emprego seria enviesado pró-trabalhadores masculinos. No caso dos EUA, o saldo líquido de empregos femininos aumentaria de 5,4%, face a um aumento dos empregos totais de 5,0%, sendo o viés pró-trabalhadores mais fraco do que no caso da UE.

**Tabela 10. Conteúdo de trabalho simulado nos cenários de Acordo de Livre Comércio com a UE e com os EUA**

	Exportações		Importações		Saldo	
	ALC UE	ALC EUA	ALC UE	ALC EUA	ALC UE	ALC EUA
Conteúdo de trabalho TOTAL (simulado)						
TOTAL	2 310 513	1 396 331	789 894	495 941	1 520 618	900 390
% em relação a 2005	7.9%	6.1%	7.7%	8.1%	8.0%	5.0%
Conteúdo de trabalho FEMININO (simulado)						
TOTAL	598 692	378 317	225 115	147 325	373 577	230 992
% em relação a 2005	7.4%	6.6%	8.0%	8.7%	7.1%	5.4%

Fonte: PNAD e Contas Nacionais/IBGE (diversos anos). Elaboração própria.

Vale salientar, no entanto, que o impacto dos acordos sobre o emprego e, sobretudo, sobre o emprego feminino, segundo as presentes simulações, é ínfimo. O acordo com a UE geraria um número líquido superior de postos de trabalho do que no caso do acordo com os EUA, mas o crescimento neste caso seria de apenas 0,1% da força de trabalho feminino.

#### **Quadro 1. Cenário de integração com a UE e os EUA**

Para o cálculo dos efeitos dos acordos comerciais com os Estados Unidos e com a UE sobre o emprego feminino, utilizamos as taxas de crescimento das importações e exportações simuladas por Tourinho e Kume (2002) em um MEGC unipaís para os cenários de supressão das tarifas e outras barreiras não-tarifárias impostas pelos EUA e pela UE. Este é um modelo estático e, portanto, não há variação de capacidade instalada. Porém, os autores elaboraram uma forma estilizada de modelar um dos efeitos dinâmicos da integração, aumentando o investimento direto estrangeiro, o que provocaria um aumento da capacidade instalada. As simulações conduzem a variações do PIB de cerca de 4,5% e dos fluxos de comércio (sempre com uma tendência deficitária) entre 7% e 8%. A escolha dessas simulações se deu por duas razões. Em primeiro lugar, a magnitude das taxas de crescimento encontradas por Tourinho e Kume (2002) é bastante plausível se comparada com outros trabalhos. Em trabalho anterior (Castilho, 2002), foi recenseado um número importante de trabalhos — entre eles, diversos modelos de equilíbrio geral ou parcial — consagrados à análise desses acordos e os resultados obtidos podem apresentar variações importantes. Neste sentido, as taxas de crescimento do comércio e do PIB do trabalho escolhido são de magnitude intermediária: elas se localizam entre as taxas de crescimento das exportações encontradas por Monteagudo e Wanatuki (2003), por exemplo, que podem atingir 36% no caso do cenário ALCA+UE, e aquelas menos otimistas calculadas, através de um modelo de equilíbrio parcial, por De Negri e Abache (2003) e De Negri, Abache e Falcão (2003) para a UE e para os EUA (4,6% e 4,3%, respectivamente). Em segundo lugar, há uma correspondência perfeita dos cenários com os objetivos deste trabalho — simulação dos efeitos para o Brasil (e não para o Mercosul) do acordo com a UE e da liberalização do mercado norte-americano — além de utilizar a mesma classificação das mercadorias. Este ponto é relevante devido ao uso da matriz de insumo-produto para o cálculo do conteúdo de trabalho. Evidentemente, os resultados em termos de conteúdo de trabalho e geração de emprego dependerão do cenário utilizado e, naturalmente, as taxas de crescimento das exportações serão tão maiores quanto mais profunda for a liberalização comercial. Neste sentido, a escolha dos cenários acima descritos condiciona nossos resultados e nos fornecem apenas *uma referência* para a análise do impacto da integração comercial com os dois principais parceiros comerciais brasileiros sobre o emprego.

Os resultados acima constituem um exercício para a compreensão dos efeitos dos acordos comerciais para o emprego e em particular para o emprego feminino. Os cálculos foram realizados a partir de uma metodologia, que, apesar de sua simplicidade e ampla utilização, apresenta limitações.<sup>17</sup> Assim, os dados não precisam ser interpretados em absoluto, porém, dão uma idéia do sentido das mudanças e das diferenças dos efeitos segundo os parceiros.

---

<sup>17</sup> Ver Castilho (2005) para uma discussão sobre a metodologia.

### **3. Referências bibliográficas**

BONELLI, R. e FONSECA, R.(1998) “*Ganhos de produtividade e de eficiência: novos resultados para a economia brasileira*”. Texto para discussão nº.557. Rio de Janeiro: IPEA

CARVALHEIRO, N. (2003) *Uma decomposição do aumento da produtividade de trabalho no Brasil durante os anos 90*. Revista de Economia Contemporânea, 7(1) jan/jun.

CARVALHO, P. e FEIJÓ, C. (2003) *Heterogeneidade Intra-setorial da Produtividade do Trabalho na Indústria Brasileira nos Anos 90*. Revista de Economia Contemporânea, v. 7, n. 2, p. 213-235.

CASTILHO, M. (dezembro, 2005) *Integração regional e mercado de trabalho: impactos da ALCA e do acordo UE-MERCOSUL para o Brasil*. Revista de la CEPAL, 78.

CASTILHO, M. R. (2006) *Impactos distributivos do comércio Brasil-China: efeitos da intensificação do comércio bilateral sobre o mercado de trabalho brasileiro*. Argentina: LATN, (Texto para Discussão).

CASTILHO, M. (2002) *Impactos de acordos comerciais sobre a economia brasileira: resenha dos trabalhos recentes*. Rio de Janeiro: IPEA, (Texto para Discussão, 936).

CORTES, O., JEAN, S., PISANI-FERRY, J. (1996) *Trade with emerging countries and the labour market: the French case*. CEPII Working Paper, n. 96-04, Paris: CEPII.

FEIJÓ, C. e CARVALHO, P. (2006) *Notas sobre a produtividade industrial*. Texto para discussão, UFF, Niterói.

KUCERA, D., MILBERG, W. (2002) *Trade and the loss of manufacturing jobs in the OECD: new factor calculations for 1978-1995*. Genebra: International Institute for Labour Studies, ILO, (DP/135/2002).

LEONTIEF, W. (1954) *Production domestique et commerce international: réexamen de la position capitaliste des Etats Unis*.

MONTEAGUDO, J. WATANUKI, M. (2003) *Regional trade agreements for Mercosur: a comparison between the FTAA and the FTA with the European Union*, *Economie Internationale*.

TOURINHO, O., KUME, H. (2002) *Os impactos setoriais de acordos de comércio: análise com um modelo CGE da economia brasileira*. Relatório IPEA/Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro.

#### **4. Anexo**

código	descrição
1	Agropecuária
2	Extrativa Mineral
3	Extração de Petróleo e Gás
4	Minerais Não-Metálicos
5	Siderurgia e Metalurgia
8	Máquinas e Tratores
10	Material Elétrico e Eletrônico
12	Material de transporte
14	Madeira e Mobiliário
15	Papel e Gráfica
16	Indústria da Borracha
17	Indústria Química
18	Refino do Petróleo
20	Farmacêutica e Perfumaria
21	Artigos de Plástico
22	Indústria Têxtil
23	Artigos do Vestuário
24	Fabricação de Calçados
25	Produtos Alimentares
32	Indústrias Diversas
33	Serv. Indust. Utilid. Pública
34	Construção Civil
35	Comércio
36	Comércio, Transportes
37	Comércio, Comunicações
38	Comércio, Instituições Financeiras
39	Comércio, Serv. Prest. às Famílias
40	Comércio, Serv. Prest. às Empresas
41	Aluguel de Imóveis, Comércio
42	Administração Pública
43	Serv. Priv. Não-Mercantis